

COMECEMOS A JULGAR: É O INÍCIO DA LIBERTAÇÃO

Testemunho e síntese da Equipe
dos Liceus

La Thuile, 8-10 de setembro de 2023

Não se ouve nada. Pensas que será por causa do vidro que protege a varanda que dá para o salão do Hotel Planibel de La Thuile, mas não. Mesmo mudando de lugar, não muda nada. Mais de seiscentos jovens do ensino médio (acompanhados por alguns adultos ou professores) preenchem as filas de cadeiras sem fazer o mínimo barulho, prontos para o começo da Equipe dos Liceus. Normalmente, há uma música para acompanhar a entrada. Um Beethoven, um Chopin... Desta vez não. Foram os últimos momentos de férias, e para todos, em poucos dias, recomençarão as aulas. E como aqui veio gente de toda a Itália (e não só) que havia semanas ou meses não se via, quantas coisas não deviam ter para contar uns aos outros. Mas nada. Todos em silêncio. Aliás, todos à espera. Afinal, não podemos acostumar-nos ao facto de haver música à entrada, pois não é um acessório estético, para que possamos também desfrutar dela, como foi explicado pouco antes das notas da Incompleta de Schubert encherem o salão. Agora estas notas têm um sabor diferente, um som interessante, um rosto amigo.

«Tudo é dado e tudo é novo», comenta o Matteo Severgnini (Seve), professor que teve a tarefa de acompanhar os Liceus neste fim de semana de início de setembro: «E o coração já está dominado por uma Presença». Fala do seu coração, do meu, do coração dos jovens.

É uma vertigem que domina todos. E o facto de não ser uma interpretação ou sugestão, dá para ler em dezenas de rostos, e seria sempre assim pelos dois dias seguintes. O que está em jogo é muito valioso, e isso percebe-se desde logo. Não pode ser de outra maneira quando se fala de feridas, desejos, afeto, vocação, ideal... A jovens de 14, 15, 16 anos com o coração cheio de exigências: de beleza, justiça, verdade, felicidade. De ser amados.

O passeio do sábado de manhã, o espetáculo das montanhas que olhamos em silêncio durante a subida, os cantos lá no alto, a Missa... Tudo, mais do que fator de cansaço, se torna trampolim para dezenas de mãos levantadas durante a assembleia da tarde com o Davide Prospero, vindo de Milão para estar com eles. Os vários Pedros, Robertos,

Madalenas e Caterinas sucedem-se ao microfone e falam de si: a relação com os pais, com os amigos, com o namorado ou a namorada, a escola, as experiências na sala de aula, mas não só... O Davide e o Seve respondem e devolvem perguntas. Palavra após palavra, torna-se cada vez mais compreensível, ou melhor, mais saboroso, aquele gosto a que o Prospero se refere ao falar da amizade: «Vemos quem são os amigos não só pela forma como estamos bem juntos – esta é uma consequência –, mas pela forma como muda a minha relação, o meu juízo sobre a realidade». A questão, então, é que o que nos permite aproveitar a vida se torne cada vez mais familiar, continua o Prospero, lembrando que isto é um dom que devemos pedir constantemente: «Só assim uma pessoa começa a experimentar um gosto novo. Em tudo».

Palavras que se tornam carne à noite, com a proposta – em pequena escala, mas certamente não com menos intensidade – do concerto dedicado a Adriana Mascagni no Meeting de Rimini poucos dias antes. E ainda mais na manhã seguinte, quando o Francesco Fadigati, um professor, deixa todos colados à cadeira ao contar sua história, que encontrarão aqui. Seiscentos jovens a ouvir um homem que fala de sua vida enquanto rapazinho nos bancos da escola, do encontro com os Liceus, da morte do pai, das amizades na universidade até à decisão de entrar para os Memores Domini. Todos na plateia ouvem comovidos: enquanto ele fala de si, dos pais, dos amigos, do amor, é deles que fala. As mesmas ansiedades, as mesmas feridas, os mesmos desejos. O mesmo Facto que mendiga o coração de cada um. É assunto deles, totalmente deles.

O Seve, tentando pôr por ordem, na Síntese que encerra estas páginas, aquilo que todos viram acontecer em menos de quarenta e oito horas em La Thuile, lê um SMS enviado a um amigo por uma rapariga: «Esta felicidade é para sempre, levamo-la no coração. Não vejo a hora de levá-la para casa, de contar tudo aos meus amigos. Quero que eles aproveitem tudo o que eu ouvi... Precisam de ouvir o que meu coração quer gritar».

Paolo Perego

TESTEMUNHO

Francesco Fadigati

Matteo Severgnini (Seve). Pedimos ao Francesco Fadigati que nos contasse a sua vida. Ouçamos atentamente, porque estamos a entrar numa coisa sagrada, como o é a vida de cada um de nós. Ele irá ajudar-nos a aprofundar o tema desta Equipe: “Começemos a julgar: é o início da libertação”. O Francesco é professor de Letras no terceiro ciclo e no liceu, diretor de uma escola em Bérghamo e também escritor. Para mim, é um amigo vocacional. Um daqueles que contamos pelos dedos das mãos. Não sei se vocês também têm amigos assim, daqueles de quem vocês dizem: «Com eles, vou para o paraíso e jogo a partida e ganho».

Francesco Fadigati. Vou tentar entregar-lhes a minha vida no ponto mais amado, mais precioso. Neste caso, as palavras parecem sempre insuficientes para descrever a experiência, mas vou mesmo tentar. Gostaria de começar pelo que também vos aconteceu nestas horas, ou antes destas horas: desde o meu primeiro encontro com esta amizade, com a realidade do Movimento. Eu tinha 14 anos, estava em Sanremo, onde nasci, e uma tarde o meu irmão mais velho – com quem eu discutia, mas que estimava – convidou-me para um encontro com um tal padre Pino de Bernardis. Eu não queria ir, tinha ensaio da minha banda, mas devido à estima pelo que via no meu irmão, fui. Isto diz muito sobre o que significa convidar, talvez até de forma desajeitada, como ele fez comigo, alguém que aparentemente não quer saber. Porque eu, naquela tarde, tive o encontro que mudou, determinou toda a minha vida. Agora, aos 42 anos, olho para aquele dia sabendo que tudo o que se desenvolveu – como amor, afeto, como intensidade de vida, como quedas e depois perdão – nasceu ali. Numa hora específica.

Naquela tarde, sentei-me na penúltima fila, esperando que acabasse depressa, mas dei por mim colado ao rosto, aos gestos, à pessoa daquele homem. Não percebia bem o que ele dizia, mas tinha

uma percepção clara: este homem é verdadeiro, é certo, tem algo a ver com uma palavra que ninguém ousa verdadeiramente dizer, a palavra “felicidade”. Vi uma intensidade de olhar, ouvi palavras que não percebia, mas que sentia cheias de significado, cheias da promessa de vida que eu esperava. Tinha à minha frente o que agora reconheço ser uma “presença”, alguém que na sua carne carrega um facto incontestável: há Alguém que fala na voz deste homem e que fala ao meu coração. No final daquela tarde, fiz-lhe a única pergunta que fazia sentido, a única que sabia fazer. Apertei-lhe a mão, porque queria sentir como é a mão de um homem feliz, olhei-o no rosto e disse-lhe: “Oiça, como posso voltar a vê-lo?”.

Só descobri muito tempo depois que eu, aos catorze anos, estava a fazer a mesma pergunta que 2 mil anos antes dois apóstolos tinham feito a um homem fascinante, que tinham visto e ouvido falar: «Onde é a tua casa?»... Um mês depois, pedi ao meu irmão que me levasse a outro encontro com ele. E dali fui às primeiras férias dos Liceus, onde fiz uma descoberta extraordinária: não se tratava apenas de um homem excepcional, mas de uma companhia inteira. A mesma que me comoveu nestas horas com vocês. Uma companhia de rostos como todos os outros, mas nos quais vivia Alguma coisa, Alguém que inexplicavelmente me revelava o meu coração. E enquanto o revelava, já respondia. Eu estava absolutamente atordado com esta descoberta: existe um lugar de pessoas da minha idade, cheias de limitações como todos, cheias de incertezas, mas com uma certeza: Aquele ou aquela “alguma coisa” que vive entre nós. Quanto mais estava com eles, mais crescia a pergunta: «O que vos torna assim? O que torna o nosso cantar, o nosso estar juntos, assim?» Desde a primeira vez, recebi uma resposta que não percebia, mas aceitava: «Sabes por que é que somos assim? Por que é que tu sentes esta excepcionalidade que fala ao teu coração e te torna tu mesmo? Porque entre nós está Jesus Cristo. Aquele homem que viveu há 2 mil anos e ainda vive entre nós». Eu não percebia. Mas percebem que não podia deitar fora aquela resposta? Porque vinha do lugar mais envolvente e convincente que eu já tinha encontrado. Por isso ouvia-o e, voltando para casa, até o repetia! Sentia que havia algo verdadeiro. Não percebia, mas queria ir e ver.

Em Sanremo havia um grupinho com poucas pessoas, às vezes éramos dois, às vezes dez... O grupo mais numeroso estava em Chiavari, com o padre Pino. Aos 15 anos, eu apanhava de boa vontade o comboio, fazia três horas de viagem apenas para um almoço com eles, porque me alimentava daquele “algo” que me fazia voltar para casa cheio do desejo de realmente viver. Enquanto ia a pé para a escola, enumerava os rostos dos meus amigos e as palavras que tínhamos dito, as palavras daquele “*don Giussani*”. Muitas vezes não as percebia, mas sentia-as cheias de capacidade de descrever a minha vida. E então mastigava-as, aprendia-as: *experiência, confrontação com o coração, acontecimento*... Sentia que eram o trampolim para viver. Eram palavras cheias de rostos, cheias de uma presença.

Desde o início da minha história, senti o desejo de balbuciar esta notícia aos meus amigos: «Mas sabes o que é que eu encontrei? Não um pensamento, mas uma companhia cheia de pensamento, cheia de pensamento verdadeiro, de pensamento verdadeiro sobre a vida, porque dominada pela verdade, pela verdade viva». E assim tentava dizê-lo aos membros da banda, que troçavam de mim, ao meu melhor amigo Jacopo, aos colegas de escola... eu convidava-os, ainda que de maneira desajeitada, e ouvia muitos ‘nãos’. Mas sempre que tentava, vinha ao de cima todo o amor por esta companhia e por este nome desconhecido e já amado, Cristo. Os padres que foram para a América evangelizar nas florestas tinham o mesmo impulso de amor e missão que eu tinha aos quinze anos, eu que tentava dizer aos meus amigos: «O que procuramos existe! A resposta às nossas perguntas – às nossas perguntas mais vertiginosas – existe! Por isso podemos encará-las sem medo e com afeto». Era já “missão”, porque sempre que arriscava, percebia melhor esta certeza de amor.

Mas tive de aprofundar o valor do encontro alguns meses depois: poucos dias após o início do nono ano, o meu pai, que era agrimensurador nas ferrovias, teve um acidente e partiu as ancas. Mas há algum tempo que o seu corpo lutava – eu não sabia – contra um grave tumor, por isso ficou de cama um ano e meio, sofrendo muito, e morreu quando eu estava no décimo ano. Durante aquele tempo, pude ver que o que eu tinha encontrado tinha a pretensão de resistir até mesmo diante da morte. Era muito duro para mim

voltar da escola e ver o meu pai frágil, vê-lo sofrer e ver-nos cansados, exaustos. Mas não consigo separar a memória desse período da amizade que experimentei. Mesmo entre adultos! Os meus pais naquela altura estavam a estreitar a sua relação com o Movimento. E seus amigos vinham visitar-nos. Penso em especial no Aldo, o mais tímido do grupo, que na sua pausa de almoço vinha todos os dias a nossa casa tomar café connosco e com o meu pai por 20 minutos. Vi que esta companhia trazia consigo um amor que batia à porta da nossa casa: até um minuto antes, nós, os três irmãos, estávamos ali a discutir, a minha mãe estava triste, cansada, o meu pai queixava-se com dores... mas quando o Aldo entrava, todos voltávamos a ser humanos. O meu pai voltava a falar das coisas que o apaixonavam, a minha mãe arranjava-lhe as almofadas com mais delicadeza e nós, irmãos, tentávamos portar-nos bem. Não para causar boa impressão, nem porque o Aldo dissesse alguma coisa ou fosse particularmente “carismático”, mas porque trazia para dentro de casa o calor do carisma e da amizade de que vivia. Trazia-nos para casa todo o fôlego do Movimento, desta amizade dominada por Alguém que diz: «Eu estou contigo todos os dias». Portanto, até mesmo diante do teu pai. Entrava uma presença, um amor.

Foi assim que a resposta que me tinham dado desde o início começou a tornar-se mais familiar para mim: Jesus tem a ver com este amigo que entra e toma café contigo. Acredito que foi por esta fidelidade, por este amor que abraçou toda a minha família, que o meu pai nos chamou ao seu quarto uma hora antes de morrer, aos três irmãos, um de cada vez. A mim, deu-me o juízo educativo mais profundo e verdadeiro que já me foi dado: apertou-me a mão, como eu tinha feito com aquele padre, olhou-me nos olhos como se faz entre homens e disse-me duas coisas: «És capaz», disse com um sorriso, sabendo muito bem que eu fazia uma asneira de dois em dois minutos, mas como se me dissesse «tu és uma coisa boa, e a tua vida está a encher-se duma coisa boa». Depois disse-me: «Até breve». E disse-o com um sorriso. Um sorriso que não nascia de um esforço, mas de todo aquele amor que tínhamos recebido. Eu não percebi bem aquele adeus, mas garanto-vos que o trago comigo, escrito no coração, como uma das promessas mais verdadeiras. «Até breve», ou seja, não

fomos feitos para morrer, mas estamos na eternidade. Lembro-me, no funeral, do seu caixão, e depois do momento em que entraram os amigos dos Liceus, aquele pedaço da Igreja através do qual conheci Jesus. Quando os vi, senti que diante da morte do meu pai eu não estava sozinho, mas não porque havia alguém que me abraçava ou me dava uma pancadinha nas costas. Não, aqueles amigos traziam consigo aquela promessa: «Tu és feito para a eternidade. A quem me seguir, Eu darei a vida eterna e cem vezes mais aqui». O cêntuplo aqui, eu já estava a começar a viver. Não vejo a hora de entrar na vida eterna de forma definitiva. Vocês percebem o que significou estar diante do caixão do meu pai assim? Só por isso, eu abraçava toda a gente com um sorriso. E não era parvo, nem visionário. Tinha ali à minha frente, palpável em certos rostos, aquela promessa viva: a vida é para a eternidade, a vida é salva por Alguém.

Talvez a maior pretensão que esta companhia trouxe à minha vida é que ela não era apenas para alguns grandes momentos de beleza, nem apenas para enfrentar a dor, onde a própria natureza é como se te sustentasse tirando-te as energias. Aquela companhia pretendia entrar no maior desafio que existe: o dia a dia. Todos estamos prontos para grandes feitos, mas o maior feito é viver e não ser subjogado pelo quotidiano. Eu queria que aquela coisa bela fizesse parte da minha maneira de ir à escola, que não ficasse de fora e começasse a trituração... como a beleza que vi nestes dias, eu quero levá-la comigo para a escola amanhã! E lembro-me do momento em que percebi que estava a entrar de forma poderosa. Décimo primeiro ano, maio, a minha escola tinha vista para o mar... quem prestava atenção às aulas? A professora de italiano estava a explicar Petrarca, eu estava para ali a desenhar na mesa e oiço-a dizer, com um bocejo: «De qualquer maneira, pessoal, afinal de contas Petrarca era um depressivo, como todos os autores cristãos». De repente levantei a mão! Os meus colegas devem ter pensado: «O Fadigati deve querer ir à casa-de-banho», porque era esse, em média, o meu contributo para a aula. Mas eu tive de fazer um confronto imediato, dentro de mim, entre o que tinha ouvido e a experiência que estava a entrar, de forma poderosa e sugestiva, na minha vida. Entre todas as pessoas que eu tinha encontrado, as mais vivas vinculavam a sua beleza justamente ao facto

de serem cristãs. A coisa mais intensa e menos depressiva que eu tinha encontrado era exatamente o cristianismo! Eu não sabia nada sobre Petrarca naquela altura, conhecia pouco os autores cristãos, mas uma coisa sabia: devia haver pelo menos um autor cristão que não fosse depressivo, um! Então disse: «Professora, olhe, acho que o que disse não é verdade». Os meus colegas olharam-me como se dissessem: «O que estás a fazer, é maio, estamos a tentar sobreviver...» Mas ela, que era uma grande mulher, porque era leal, teve uma ideia brilhante do ponto de vista educacional. Desafiou-me: «Ah, Fadigati, dizes isso? Dou-te duas semanas. Se encontrares um autor cristão que não seja um depressivo, dou-te uma boa nota». «Aceito». Imaginem os meus amigos... Mas eu queria mesmo descobrir de que forma é que aquilo que eu tinha encontrado, e que se estava a revelar verdadeiro em tudo, era verdadeiro também ali! Aquela foi a minha primeira experiência de estudo. Porque estudar a sério significa que tu comesças um diálogo com Dante, com Manzoni, com Vivaldi à luz de uma hipótese de sentido... Não podia fazer aquilo sozinho, por isso voltei para casa e comecei a ligar para o meu amigo Giorgio, professor de Filosofia, a minha amiga Anna, grande leitora, a minha prima que estudava filosofia, outro amigo para a música... Pedi conselhos a todos e com dois ou três do *Raggio* começamos a estudar. Malta, que prazer! Foi a primeira vez que descobri que o estudo é um “*inter-esse*”, um “estar dentro” deste diálogo fascinante, onde Manzoni já não é o texto chato que tu tens de estudar para te saíres bem, mas alguém que fala do amor entre Renzo e Lucia e pergunta: «E tu, como é que vives o amor?» Pela primeira vez, notei que invejava a forma como Dante e Beatriz se amavam, com aquela certeza, com aquela segurança... Depois de duas semanas, cheguei à aula com o meu gravador de *cassettes* na mão, três fotocópias desganhadas de pintores e alguns poemas e trechos que tinha lido. Tive a minha primeira experiência como professor. Ainda hoje, o que tento fazer em sala de aula com os meus alunos é participar deste “diálogo”. O diálogo entre o meu coração despertado pelo encontro que tive e Dante, Leopardi, a matemática... Comecei a estudar, a gostar da escola. Estava interessado naquele diálogo. O que é o estudo? Um amigo que te diz: «Joga-te na comparação com tudo». Imagina que

a vida se torna finalmente tua, finalmente, e o estudo já não é algo imposto, mas este diálogo onde tu és o protagonista e Dante passa a ser teu amigo. Vi que, despertando o meu coração, tudo começava a falar comigo de uma forma mais verdadeira. E é assim ainda hoje. As contribuições dos meus alunos, como me mudam! Devido a esta companhia trazida no momento. Graças a este amigo, Jesus, a quem tu pedes: «Quero te ver também aqui na aula», graças aos amigos que trazes dentro de ti.

Quanto mais estava naquela companhia, mais via crescer o desejo de afeição, de amar e de ser amado. Assim, nesse período, conheci uma rapariga por quem me apaixonei. Começámos a namorar. E no início há aquele momento muito puro, quase mágico, a curiosidade despertada pela surpresa que o outro é, o desejo de ouvir e ser ouvido, de nos conhecermos através dos olhos do outro. Acredito que toda a gente, mas toda a gente mesmo, deseja que as relações sejam sempre aquele início. Infelizmente, porém, acontece sempre uma coisa: as relações, mais cedo ou mais tarde, é como se comessem a corromper-se. Em vez daquela curiosidade, toda cheia do mistério que a outra pessoa é, começa a trivialidade. Em vez do assombro, a posse. Uma instintividade que te torna raivoso, cheio de ciúmes, de ressentimento, coisas para fazer o outro pagar. Numa noite em particular – depois dum ano juntos – saímos, eu e ela, ainda me lembro do sentimento de sufocamento que vivi. Por mais que pudéssemos abraçar-nos, não conseguíamos remover uma última, muito pesada, estranheza. Estávamos distantes, embora colados, fundamentalmente tristes. E o pior é que tínhamos que mentir, para dizer que tudo estava bem. Mas que diferença quando, no verão seguinte, fomos juntos para as férias dos Liceus, que foram as primeiras para ela. Nunca esquecerei dois momentos: um no passeio. Eu e outros amigos tínhamos parado na encosta para ajudar os que passavam. Cantávamos e ajudávamos. Que impressão quando ela passou na fila, me olhou e sorriu. Que estima infinita. Que afeto cheio de respeito e amor vi nela e em mim. Ela percebia que o que eu estava a fazer era bonito e importante para todos, não via problema em eu dar a mão a outros e eu não via problema em ela falar com outros. Estávamos unidos diante da mesma beleza e desfrutávamos que o outro tam-

bém desfrutasse, segundo a amplitude de seu coração e a forma única do seu envolvimento. O segundo momento: o padre Pino colocou-nos, em silêncio, diante da beleza das Dolomitas. Eu não estava perto dela, via-a ao fundo. Anos depois, encontrei a mesma cena no *Paraíso* de Dante. Eu vi-a ao longe, mas diante da mesma beleza que enchia os nossos corações. Depois dissemos um ao outro: ambos estávamos a viver a mesma maravilha, o mesmo assombro e silêncio. E sentimo-nos tão livres, mas ainda ligados profundamente. Nós não o sabíamos, mas aos 17 anos, naquele passeio, fizemos experiência de uma das maiores descobertas da minha vida: a virgindade, como lhe chama Giussani, como a Igreja indica. É o olhar que ama o outro, que compreende o outro, na sua relação com a Beleza, na sua relação com o Destino, com a felicidade e o infinito a que está destinado. Juntos diante de Quem te enche o coração agora. Mas pensa, amigo, nos momentos mais intensos destas horas, que talvez esteja aqui a rapariga que te atraiu e que ela está a desfrutar das mesmas coisas: como isso vos une! Sem se tocarem, que proximidade! Para mim foi uma experiência iluminadora. Voltando daquelas férias, já não nos podíamos contentar. Errávamos, mas já não nos podíamos contentar. Tínhamos sentido o quanto pode ser verdadeiro amar-se com aquele respeito, com aquela delicadeza de paixão pelo outro. Que tu possas ser feliz. Assim, malta, as relações duram. Assim não cansam porque são constantemente sinal daquele eterno que dura. E o outro é um dom.

Depois da primeira noite aqui, um jovem amigo meu disse-me: «Prof, agora explique-me por que fez uma determinada escolha». Ele sabe que faço parte dos *Memores Domini*, aqueles que vivem na memória daquele encontro. Imaginem viver sempre com o afeto vivo do que encontrámos nestas horas. *Memores*, aqueles que fazem memória do Senhor, que domina o nosso coração, tornando-o tão cheio agora. Por que faço parte desta maravilhosa companhia hoje? Quando cheguei à universidade, eu tinha apenas um problema, nem sequer era que trabalho eu faria, que notas eu tiraria... o único problema era: «Posso encontrar esta presença, este olhar, este homem fascinante?» Aos 19 anos, podia dizer com mais familiaridade o nome – que sempre me faz tremer – Jesus. Pos-

so encontrará-Lo aqui? O dom foi que, desde o primeiro dia, recebi uma resposta para esse desejo. Entrei na universidade e conheci os amigos de que Seve falava antes. Primeiro ele, e depois outros rostos concretos, o Francesco, o Stefano, o Fabrizio, o Mega... Eles vinham de Casale Cremasco, da Reggio Emilia, de Stagno Lombardo, de Imperia... e estavam lá com o mesmo desejo. Eles tinham encontrado aquela mesma companhia, o protagonista desta companhia, e foram conquistados. Tínhamos apenas o desejo de mergulhar no coração daquela vida que se chama Movimento. Começou uma amizade de outro mundo... já imaginaram? Poder dizer com certeza: este amigo é para sempre! Não como uma frase de um chocolate Baci Perugina, mas real, vivida. Depois de tantos anos, a amizade continua a crescer, em profundidade, na beleza que vivemos, na maravilha pelo outro. O que significa uma «amizade vocacional»? Que o estarmos juntos foi, desde então até hoje, até mesmo esta manhã no pequeno-almoço, uma ajuda para estar diante de Quem nos tinha atraído um a um e estava a tornar humana a vida, intensa, num perdão contínuo. Isto não foi possível sozinho, mas porque naturalmente seguimos juntos um adulto que para nós era fascinante. Fascinante porque toda a sua vida estava entrelaçada com esta Presença. Aliás, na sua vida, aquele encontro tornou-se missão, aquele acontecimento moldava a sua figura, por isso não havia tempo a perder. A vida – via-se nele – tinha de ser gasta pela coisa mais verdadeira. Num amor ardente pelos outros e pelo mundo, que espera a mesma coisa. Foi natural segui-lo. O seu nome é Stefano Alberto, “padre Pino” para os amigos. Para nós, sermos amigos coincidiu com ir atrás este homem. Ele deve ter visto alguma coisa neste grupo de “desajeitados” e uma noite convocou-nos para jantar, nós os cinco, que depois acabámos juntos num apartamento, mais outro que se chama Federico, e disse-nos: «Não sejam fantásticos solistas. Deem espaço, olhem para o protagonista da vossa amizade, Cristo, e construam juntos o Reino de Deus». Estão a ver o que é ouvir isto aos 18-19 anos? Foste feito para construir o Reino de Deus, és necessário. Como? Deixando espaço para o Protagonista da vida. E assim, malta, que vida nos explodiu nas mãos! Que paixão para estudar, ler jornais, falar de política,

discutir, tentar julgar as coisas que aconteciam na universidade... E depois apaixonar-nos por Dante ao conhecer Franco Nembrini, fundar com ele a associação Centocanti, começar a levar a escrita a sério, transformar uma paixão numa missão que ainda dura hoje. E quanto mais vivíamos isto, mais crescia uma estranha nostalgia. Quanto mais esta intensidade aumentava, mais eu sentia urgência em beber da raiz daquela beleza. Eu lembro-me que depois de algumas noites, alguns dias como estes, voltava para casa e tinha dificuldade em adormecer, porque na escuridão do quarto me perguntava: «Mas então... mas és tu! Quem és tu? Rosto fascinante, amigo fascinante, que desde os meus 14 anos tocou minha vida, continua a tocá-la enchendo-a de vida, da Tua vida». Eu repetia o que um amigo meu me disse ontem, depois da assembleia: «Prof, então era Ele. Sempre foi Ele». Em tudo o que vivi nestes anos, era Ele que chamava. Dei por mim a dizer “és tu”, que é diferente. É a mesma coisa, mas é um tratamento familiar.

Após três anos de relacionamento com a minha namorada, decidimos separar-nos e verificar cada um o seu próprio caminho. E este “Tu” tornou-se tão imponente que, no segundo ano da faculdade, nasceu em mim um desejo que quase me deu vertigens: «Mas se és Tu que, desde que te conheci aos 14 anos, enchias os olhos daquele homem (padre Pino), tornando-o tão vivo ainda agora; se és Tu o estranho protagonista desta amizade quando cantamos; se és Tu que fazes o coração vibrar; se és Tu que tornaste vibrante, belo e virgem o relacionamento com a rapariga por quem estou apaixonado... Se és Tu, eu gostaria de estar contigo sempre, a cada momento. Eu gostaria que a vida fosses Tu. Gostaria de viver contigo, gostaria de viver por Ti, aliás, mais ainda: gostaria de viver em Ti». É o que a Igreja nos faz dizer na missa: «Por Cristo, com Cristo, [mais:] em Cristo». No dia seguinte, confiei isto ao amigo que sempre me impressionou pela audaciosa liberdade com que se atirava para os braços deste “Tu”, que é o Seve. Ao pequeno-almoço, no bar Nord Est, olhei-o nos olhos e disse, meio a tremer: «Seve, olha, nem sei como dizer, mas veio-me o desejo... Se entre nós, se o melhor entre nós, se o que nos torna livres, livres do medo, amantes da vida, se chama Cristo, eu gostaria de viver

sempre para Ele!» Eu disse isto a tremer e ele começou a rir! Uma bela gargalhada, celestial. Disse-me: «Caramba, Fra, mas há alguns meses que eu vivo só para isso!» É por isso que somos tão amigos. É por isso que ele é um amigo tão grande.

Ao sairmos daquele bar, disse-lhe uma coisa que me lembra as palavras dos discípulos de Emaús: «Seve, aconteceu-me alguma coisa. Acho que a minha vida mudou neste pequeno-almoço». No dia seguinte, confiei isto ao padre Pino, e ele não se começou a rir, disse-me: «Vais descobrir que não foi por acaso que esse desejo nasceu em ti com alguns amigos».

No dia em que comecei o caminho para verificar aquela intuição, estava cheio de medo, mas estava determinado porque sentia que envolvia toda a minha vida. Fui e encontrei-me com o Seve, o Francesco, o Fabrizio e outros... Sem sabermos uns dos outros. Pensem nas coisas que Deus faz. Tínhamos amadurecido o mesmo desejo no mesmo período. Alguns meses depois, também chegaria o quinto membro do nosso apartamento de universitários. Pensei: «Isto é o Paraíso». Porque o Paraíso é uma amizade que é paraíso. A amizade vocacional. Ele chamou-nos desde que nascemos, com todos os factos da nossa vida, procurou-nos e levou-nos até ali.

«Amei-te com um amor eterno. Tive piedade do teu nada» (cf. Jr 31,3). Ontem, aquele meu jovem amigo disse-me: «Eu não posso mais dar-me ao luxo de não ser feliz». E acrescentou: «Sei que os cristãos também têm momentos de tristeza. Mas com o que encontrámos, a tristeza já não vence». É uma letícia, porque aquele «amei-te com um amor eterno» tornou-se um encontro, um rosto, uma amizade, um caminho. Um caminho onde o juízo continua a tornar-se cada vez mais: «A Ti que me amas, digo sim, amo-Te». Acontece que amas cada vez mais aquela Presença que te torna cada vez mais tu mesmo, que te faz apaixonar pelos colegas, pelo professor, pelo que estudas, pelo quotidiano... Introduce uma diferença na vida que é perceptível. A vida torna-se bela e a dor torna-se humana, pode ser enfrentada. A amizade torna-se eterna. E o outro que é chamado contigo, o outro que ainda não O conhece e que está apenas à espera de O encontrar através de ti, talvez em Praga, pois bem, o outro torna-se teu irmão. Obrigado, desculpem.

SÍNTESE

Matteo Severgnini

Matteo Severgnini (Seve). Ouvindo este testemunho, continuava a ecoar nos meus ouvidos e no meu coração: «A vida do homem consiste no afeto que principalmente o sustenta e no qual encontra a sua maior satisfação». Que juízo mais verdadeiro do que este pode alguém fazer? O afeto que principalmente sustenta toda a vida. Obrigado, Francesco.

1. A tua lembrança enche-me de silêncio

Não podemos negar que nestas horas, nestes dias, aconteceu entre nós o fascínio duma coisa verdadeira. Melhor, de uma Presença verdadeira. Desde a primeira noite: o silêncio que se impôs enquanto vocês entravam neste salão, a atenção, a tensão durante a introdução, a Missa. E ainda a beleza do passeio e dos cantos, a enxurrada das vossas perguntas e experiências em assembleia, que expressam uma vida que explode dentro do coração, em qualquer circunstância que tenhamos de viver. A amizade do Davide Prosperri, um amigo que nos acompanhou, mostrou-nos como a promessa de realização da nossa vida, no relacionamento com Jesus, pode cumprir-se numa dinâmica que torna a vida cada vez mais certa. E depois o presente de ontem à noite, aquela explosão de criatividade nova que o encontro com Jesus faz expressar no canto de Adriana Mascagni. Esta manhã, uma humanidade conquistada até a medula pela novidade que continua a bater à porta do coração, do meu, do teu. «Eu sou o caminho, a verdade e a vida». O coração, minha e a tua humanidade fascinadas pela intuição do verdadeiro. O Francesco disse várias vezes: «Algumas coisas eu não percebia, mas aceitava, porque vinham do lugar que eu estava a conquistar centímetro por centímetro, milímetro por milímetro, o meu coração». Giussani diz: «O caminho do Senhor é simples, como o de João e André, de Simão e Filipe, que começaram a seguir Cristo: por curiosidade e desejo. Não há outro caminho, no fundo, além

desta curiosidade desejosa despertada pela intuição do verdadeiro» (L. Giussani, *In cammino (1992-1998)*, Milão: Bur, 2014, p. 367). Algo de verdadeiro aconteceu. Percebemos então que o bom Deus cuidou de nós a cada instante, bateu incessantemente à porta do nosso coração, provocando continuamente a nossa liberdade, o nosso desejo. Numa palavra, provocando a fundo a nossa humanidade, aquilo que eu sou. Sim, dialogou incessantemente com a minha e a tua humanidade, tomou a iniciativa contigo, precisamente contigo. Então temos vontade de repetir, cheios de emoção, o que o Eremita Laurentius dizia: «Então compreendi que toda a minha vida talvez se passasse a dar-me conta do que me tinha acontecido [o que aconteceu? o que te aconteceu?]. E a Tua palavra encheu-me de silêncio». De outra maneira, seria inexplicável: 640 pessoas que entram em silêncio.

2. Para que a nossa alegria seja plena

Dizia-nos ontem o Davide: «Jesus poderia ter escolhido permanecer presente Ele mesmo, mas escolheu permanecer presente na comunhão, na unidade entre os Seus». Estamos aqui juntos, certamente cada um por si mesmo, com a sua própria pergunta, com o seu próprio desejo, às vezes com a sua própria tristeza e raiva ou incompreensão, mas juntos, em comunhão. Este é o método escolhido por Jesus; nós fomos amados, preferidos juntos, em comunhão, como o Francesco nos contou esta manhã. O método que Deus escolheu é esta comunhão, esta unidade que se expressa numa pertença. Tu és meu! «A pertença não é o esforço de um estar juntos civil, não é o conforto de um amor normal, a pertença é ter os outros dentro de si» (Gaber). Giussani comentava: «Que sugestão nestas palavras de Giorgio Gaber! Num povo, o génio sempre ilumina aspetos da existência, garantindo a todos e a cada um uma consciência mais madura das evidências e das exigências elementares do coração». Foi-nos perguntado ontem: «Que diversidade constatamos nesta companhia, nesta comunhão?» Não apenas a pergunta do coração nos une – caso contrário, todos estariam aqui – mas um encontro com um acontecimento presente que despertou o gosto por tudo, pelo todo, por uma totalidade de significado da realida-

de que se fez encontrável. Este significado tornou-se encontrável, tornou-se amável, e ao tornar-se amável tornou tudo amável, tudo em mim, tudo na realidade. É por isso que podemos julgar tudo pessoalmente, comunitaria e publicamente. *Homo sum, humani nihil a me alienum puto* (Terêncio, *Heautontimoroumenos*, v. 77). Nada do que é humano considero estranho. Do estudo em sala de aula, do que acontece ao meu redor, do terramoto que ocorreu ontem em Marrocos: mais de 2 mil vítimas. O que tem isso a ver? Das cheias que muitos dos nossos amigos viveram, não sofreram, viveram. De um amigo que pede ajuda. Tudo é para mim, pode tornar-se caminho para a minha conversão, porque estou bem assim para começar o caminho e neste amor poder me converter. Para me tornar cada vez mais mesclado, semelhante Àquele que me ama. Tudo é para mim, tudo pode tornar-se caminho para a minha conversão. Levaram a sério a pergunta que um de vocês nos fez ontem: «Quem sou eu?» E então «permaneci no Meu amor», para que nossa alegria seja completa. Permanecer neste amor é permanecer nesta comunhão para que a nossa alegria seja plena, para que a experiência do cêntuplo que nos foi prometida possa ser cumprida, dia após dia.

3. Julgar é o início da libertação

Ontem, um de vocês colocava a questão de toda a Equipe: «O que significa julgar? De onde tiro os critérios?». «Quem quer tornar-se adulto sem ser enganado, alienado, escravo de outros, instrumentalizado, deve acostumar-se a comparar tudo com a experiência elementar». Ouçam o que Giussani diz: «O desafio mais ousado à mentalidade que nos domina e que nos invade a propósito de tudo – desde a vida do espírito até ao vestuário – é precisamente o de tornarmos habitual em nós o juízo sobre todas as coisas à luz das nossas evidências primeiras, e não à mercê de reações ocasionais. [...] Importa perfurar sempre estas imagens induzidas pelo clima cultural em que estamos mergulhados, tomar posse [perfurar é um trabalho] das nossas exigências e evidências [notem bem que Giussani aqui é uma lâmina. Não apenas as necessidades, mas as evidências] originais [dadas, originais significa dadas] e, com

base nelas, julgar e avaliar cada proposta, cada sugestão existencial» (L. Giussani, *O sentido religioso*, Tenacitas, Coimbra 2023, p. 31). Julgar significa comparar tudo com aquele conjunto de exigências e evidências que é o meu coração, a experiência elementar, e tudo o que acontece e me é dito, tudo. Vocês dirão: «Tudo, tudo?» Tudo. «Caramba, mas às vezes, bem, não é que eu seja assim tão inteligente...». Não, não, não, não é uma questão de processo intelectual, é um processo de relação, o Francesco já no-lo descreveu. Foi uma passagem contínua de relação em relação, tudo confrontado com aquele conjunto de exigências e evidências que é o meu coração, e aquilo que a realidade apresenta.

«Começemos a julgar: é o início da libertação». Ontem, retomando o caso das cheias, também foi usada uma imagem que me impressionou muito, porque Giussani fala de um trabalho do coração, de uma ascese: a imagem da lama. A certo ponto, são necessárias escavadoras para remover aquela lama que quase se tornou cimento. Aquela lama que também se deposita no nosso coração. O que é a escavadora para nós? É a educação que recebemos. E a educação que oferecemos é a educação desta amizade. Confrontar tudo o que nos acontece com as exigências e evidências profundas do nosso coração, ou seja, com o tecido que Deus faz e tece a cada instante, que é o meu coração. Na verdade, o juízo expressa-se como relação com a realidade e o meu coração. Como vivo eu o meu estudo, a relação com o meu namorado? Vocês ouviram como o Francesco falou da sua relação com a sua namorada? Um juízo que o abria continuamente no conhecimento de si mesmo e no conhecimento dela. Uma liberdade, uma libertação. Como é que eu vivo a relação com a minha doença, com a minha raiva, com os meus pais, com os meus professores, com os meus colegas, com a minha mulher, com o meu marido, com os meus filhos?

4. O estilo da missão é o testemunho

Convocados, mandados, enviados. «De graça recebestes, de graça deveis dar». É daqui que nasce toda a nossa responsabilidade. Gratuitamente recebemos, gratuitamente damos. Ainda tenho nos olhos e no coração o que nosso amigo de Praga nos contou ontem.

Dizia o Roberto: «Eu e outros dois estamos ali, no coração da Europa. Eu, com este meu temperamento, juntamente com outros dois para testemunhar de quem somos». Nós, esta noite, não podemos ir para casa e deixar de pensar que o temos lá a ele, e a todos os outros, os nossos amigos espanhóis, os nossos amigos portugueses. Mas o vosso coração não se dilata? Assim como o Roberto não pode voltar para Praga sem nos ter a todos nós no coração. Ou o que a Caterina nos contou sobre sua mãe, que disse: «Sacrifiquei as minhas férias para ir ao Meeting de Rimini contigo». E depois estava contente. Mas ela tinha de ver que lugar era aquele onde a sua filha está a desabrochar, aquela sinfonia que a sua filha está a ouvir, graças à qual está a desabrochar e se põe a cantar para todos.

Ouçam o que nos escreveu uma amiga nossa, tem muito a ver com o que estamos a dizer: «É um facto que nos acontece à frente. A nossa amizade é nova a cada momento porque reacontece todos os dias à nossa frente [reacontece-nos, não a inventamos, reacontece-nos à frente]. Muitas vezes podemos cair na armadilha de acreditar que novidade é sinónimo de diversidade, mas a beleza impressionante é exatamente o oposto, ou seja, que a novidade é a repetição exata da mesma amizade entre os apóstolos e Cristo [como também nos disse o Francesco antes]. Eu sou chamada hoje como eles foram chamados há 2 mil anos [não é um sentimento, dizia o Davide ontem, é um facto]. Porquê e onde vejo essa provocação acontecer? Surge do meu compromisso com a vida, com a escola, com tudo. Apercebo-me duma preferência e, em vez de objetar, movo-me. E este processo de reconhecimento do dom que é a minha vida [juízo, começa a comparação] torna-se responsabilidade que é exercida nos lugares, nos estudos, no tempo, nos relacionamentos. Muitas vezes achamos que nós é que precisamos da companhia dos Liceus e esquecemo-nos que nós é que somos os Liceus. Caso contrário, torna-se como uma entidade abstrata fora de mim da qual posso tirar algo. E não. Bolas! Os Liceus sou eu. Eu preciso da companhia, mas a companhia também precisa de mim. Todos somos chamados como protagonistas, cada um como um apóstolo, e eis que se revive logo aquela relação face a face com Cristo. Eu preciso de Deus, mas Deus, para agir na história e agir

comigo, precisa de mim, precisa do meu sim. Por isso, dos meus desejos, das minhas misérias em relação à realidade e ao meu próprio coração, que é o instrumento original para captar no específico da realidade o sentido universal que a rege. Quero obedecer a esta promessa pedindo uma paciência que é um cuidado com o instante, porque desejo estar continuamente diante da excecionalidade que acontece à nossa frente. E para isso existem os amigos, que nos tiram de nós mesmos e nos fazem olhar para fora de nós mesmos. Peço que esta companhia seja sempre uma companhia *vocata*, isto é, chamada, um a um, mas juntos».

Um amigo que não está aqui enviou-me uma mensagem de alguém que está aqui. Diz: «Esta felicidade é para sempre, trazemo-la no coração. Mal posso esperar para levá-la para casa, para contar tudo aos meus amigos. Quero que eles aproveitem tudo o que ouvi, porque são verdades enormes [o pressentimento do verdadeiro] e devem sabê-las, devem ouvir o que o meu coração quer gritar». O testemunho, a missão. O que o meu coração quer gritar: a verdade que encontrou, a verdade que se tornou amável, tornando tudo amável. E então quero concluir de forma circular com aquela citação do Papa Francisco que vos li no final da introdução, porque faz ainda mais sentido agora: «Arda no vosso coração esta santa inquietude profética e missionária. Não fiquéis parados» (*Audiência a CL*, 15 de outubro de 2022).

Introdução Paolo Perego	2
<hr/>	
Testemunho Francesco Fadigati	4
<hr/>	
Síntese Matteo Severgnini	15

